

# O Patrimônio Organístico Sergipano: o Encontro da Música com sua História

Thais Fernanda Vicente Rabelo<sup>1</sup>

## Resumo<sup>1</sup>

Esse artigo apresenta um estudo histórico musical em torno dos órgãos de tubos de Sergipe, procurando abordar elementos como procedência, relação entre o contexto histórico e o mecenato no Vale do Cotinguiaba e principais características dos instrumentos. Fundamentada na Musicologia Histórica e na Organologia, essa pesquisa nos direciona ao Sergipe Imperial, ao mecenato e busca pela ratificação de poder e, sobretudo, à existência de um patrimônio histórico musical ainda pouco conhecido, que revela a importância do órgão de tubos, não apenas na história da música ocidental, mas também no cenário sergipano.

Palavras-chave: Órgão Histórico. Musicologia. Sergipe.

## Abstract

This paper presents a historical and musical study about Sergipe's pipe organs, addressing elements such as origin, the relation between the historical context and patronage in the Vale do Cotinguiaba. Grounded in the Historical Musicology and Organology, this research leads us into Sergipe's imperial period, pursuit of the influent landowners of the past for political ascension, and, mainly, the existence of a historical and musical patrimony almost unknown, that reveals the pipe organs importance, not only at the history of Western music, but also in Sergipe's scenario.

Keywords: Historic pipe organs; Musicology; Sergipe.



1 Mestre em Musicologia histórica pela Universidade Federal da Bahia (2014). Licenciada em Música pela Universidade Federal de Sergipe (2011). Técnica em Música (habilitação em piano) pelo Conservatório de Música de Sergipe (2007) e atualmente desempenha função de harpista na Orquestra Sinfônica de Sergipe.

## Introdução

Sabemos que, a nível nacional, apesar de as primeiras referências documentais ao órgão de tubos no Brasil remeterem à chegada dos portugueses no território ultramar luso americano, o estabelecimento oficial do órgão só aconteceu através do Alvará Régio no ano de 1559 que criava o primeiro cargo de tangedor de órgão na Sé de Salvador-BA<sup>2</sup>. No século XIX, com a chegada da Família Real na colônia e a abertura dos portos as nações amigas em 1808, por ordem do príncipe regente D. João VI, o comércio exterior tornou-se mais dinâmico, o que contribuiu para com a importação de órgãos provenientes da França, Inglaterra e Alemanha. Durante muito tempo os órgãos desempenharam importante função, sobretudo no âmbito da Igreja Católica. Mesmo após do Concílio Vaticano II o órgão permanece como instrumento oficial da Igreja, conforme se afirma no Capítulo VI: “O órgão de tubos ocupa lugar de destaque na Igreja Latina como instrumento musical tradicional, cujo som dá um brilho particular às cerimônias da Igreja e ajuda a mente a se elevar a Deus<sup>3</sup>”. Apesar disso, boa parte desses órgãos encontra-se negligenciada, quando não, sofrendo péssimos reparos por falta de profissionais qualificados para a ação, o que contribui ainda mais com sua deterioração e ruína definitiva.

Há ainda que se mencionar a relação entre o órgão de tubos e a ratificação de poder, seja ele político ou econômico. O instrumento, de engenharia complexa e imagem imponente, fora durante muito tempo símbolo de poder e meio para realização de acordos políticos. Essa prática remonta à Idade Média, a exemplo dos órgãos enviados de Constantinopla aos imperadores merovíngios e carolíngios. Dom François Bedos de Celles menciona, em seu tratado *L'Art du Facteur d'orgues*<sup>4</sup> (1776-1778) o órgão com o qual o imperador Constantino Copronimo presenteou o rei Pepino, o Breve, em torno do ano 757 e o órgão que Constantino Curopalata enviara a Carlos Magno em 812. No contexto lusitano isso também ocorria, sobretudo quando se objetivava estabelecer acordos políticos. Um exemplo disso são os órgãos enviados pelos reis de Portugal aos governantes das regiões onde almejavam estabelecer entrepostos comerciais. De acordo com Azevedo<sup>5</sup>:

Quando contatos com novos mundos eram abertos pelos navegantes portugueses, os órgãos não eram esquecidos e o cronista Gaspar Correia quando descreve a embaixada es-

2 DINIZ, Jaime C. *Organistas da Bahia 1750-1850*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986. p. 17.

3 VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 171.

4 BEDOS DE CELLES. *L'art du Facteur d'orgues*. Paris: Leonce Laget, fac-simile da edição de 1766.

5 AZEVEDO, Carlos de. *Baroque organ cases in Portugal*. Amsterdam: Frits Knuff, 1972. p. 7.

pecial de Dom Rodrigo de Lima ao Imperador da Etiópia em 1519, menciona um Manuel de Éguas que teria levado um ou mais órgãos como um presente. Em 1519 um presente semelhante foi dado ao rei de Vishnayagar, vizinho de Goa<sup>6</sup>.

Também em Sergipe, particularmente na Região do Vale do Cotinguiba, esse costume foi observado. A pesquisa revelou um mecenato particular nessa região, que teve como foco o órgão de tubos e como mecenas personalidades da aristocracia sergipana, que representavam as principais vertentes econômicas do Estado: economia açucareira, pecuária e comércio.

A existência de órgãos de tubos em Sergipe não é do conhecimento de muitos. No entanto, é fato que o Estado já contou com, pelo menos, três órgãos, dos quais somente dois subsistiram ao tempo. No século XIX três instrumentos foram doados a diferentes cidades sergipanas, na mesma região do Vale do Cotinguiba. Quanto à procedência, os instrumentos encontram-se relacionados à abertura dos portos e ao contexto eclesiástico, uma vez que chegaram à Sergipe na segunda metade do século XIX (os instrumentos não proveem da metrópole portuguesa e foram instalados nos principais templos católicos daquelas cidades). Algumas fontes de natureza oral sugerem a existência, no passado, de órgãos de tubos em outras cidades sergipanas. A hipótese, no entanto, não pode ainda ser confirmada e segue em estudo.

Nesse sentido, o presente artigo, que advém de uma pesquisa maior e anterior<sup>7</sup>, tem o objeto de apresentar um estudo sobre o patrimônio organístico sergipano através de uma abordagem histórico musical, apresentando um estudo em torno da procedência desses instrumentos, características técnicas e sua atual situação. É importante ressaltar também que, apesar de serem aqui apresentadas algumas características dos instrumentos, não é intenção desse artigo centrar-se no estudo organológico dos mesmos, nem tampouco, na descrição de elementos mais ligados à linguagem musical. Esses elementos podem ser conferidos na já referida dissertação. Além disso, por meio desse estudo, almejamos uma maior divulgação de tal patrimônio, sobretudo dentre a comunidade acadêmica e demais interessados no assunto, bem como esperamos que possa vir a contribuir para com os estudos na área, ainda escassos.

6 *Texto original: When contacts with new worlds were opened up by Portuguese navigators, the organs were not forgotten and the chronicler Gaspar Correia when describing the special embassy of Dom Rodrigo de Lima to the Emperor of Ethiopia in 1519, mentions on Manuel de Mares who had carried one or more organs as a present. In 1522 a similar gift was made to the king of Vishnayagar, neighbour of Goa.*

7 *Esse estudo advém da dissertação de mestrado intitulada "Estudo Histórico e Organológico em Torno do Órgão de tubos de Laranjeiras". RABELO, Thais Fernanda Vicente. *Estudo Histórico e Organológico em Torno do Órgão de tubos de Laranjeiras*. 2014. 161p. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Música – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.*

## O Mecenato no Vale do Cotinguiba:

Na segunda metade do século XIX a economia sergipana baseava-se na pecuária, na produção açucareira e no plantio do algodão. De acordo com Nunes, a criação de gado fora pioneira na província e manteve sua importância ao longo dos séculos, desde o período da colonização. O historiador sergipano Felisbello Freire sintetizou o desenvolvimento econômico de Sergipe através de sua conhecida afirmação “Antes do Sergipano ser lavrador, foi pastor”<sup>8</sup>. Segundo Dantas, o desenvolvimento socioeconômico sergipano se deve à criação de gado, desde a divisão das sesmarias. As primeiras fazendas de Sergipe Del Rey surgiram com os colonos que começavam a se instalar no sertão<sup>9</sup>. A pecuária teria largo desenvolvimento em Sergipe até o início do século XIX quando a produção açucareira começou a ganhar impulso. O crescimento no número de engenhos de açúcar começa a ser notado a partir de 1856, período em que a província contava com 756 engenhos, tendo o número ampliado para 840 no ano de 1889, quando o regime imperial brasileiro teve fim.<sup>10</sup>

A concessão de títulos nobiliárquicos também é um aspecto a ser considerado nesse contexto. Entre os anos de 1848 e 1872 vários títulos foram concedidos a proprietários de engenho em Sergipe pelo então Imperador D. Pedro II, a exemplo de João Gomes de Melo – Barão de Maruim (1848), Bento de Melo Pereira – Barão da Cotinguiba (1849), Coronel Domingos Dias Coelho e Mello – Barão de Propriá (1860), José Inácio Accioli – Barão de Aracaju (1872), Felisberto de Oliveira Freire – Barão de Laranjeiras (1872). Também vários membros do clero eram proprietários de engenho e constituíam a “espinha dorsal do sistema dominante, possuidores de engenhos, fazendas e escravos”<sup>11</sup>.

Sobre o período em questão observamos um fenômeno muito particular: o mecenato no Vale do Cotinguiba. Região promissora do Estado, na segunda metade do século XIX, o Vale do Cotinguiba sedeu a doação de três órgãos de tubos, todos doados naquele mesmo período, por personalidades da aristocracia sergipana, a três templos católicos. As cidades contempladas com os imponentes e onerosos instrumentos foram Laranjeiras, Maruim e Aracaju, cidades de grande relevância no cenário político, econômico e cultural de Sergipe.

8 FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *História de Sergipe (1575-1855)*. 3.ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. p. 214.

9 DANTAS, Orlando Vieira. *Vida Patriarcal em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 18.

10 NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial II: 1840/1889*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2006. p. 45.

11 NUNES, *Ibid.*, p. 50-51.



O órgão de Laranjeiras consiste em um instrumento inglês, de marca Bryceson e foi doado à Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus pelo Senhor de Engenho Felisberto de Oliveira Freire, que posteriormente (como já mencionado) viria a receber o título de Barão de Laranjeiras, pelo então Imperador D. Pedro II. Felisberto de Oliveira Freire era dono de engenhos em Itaporanga d’Ajuda, a exemplo do Engenho Belém, no qual residia. Esta informação suscita um questionamento à pesquisa. O que motivara a doação do Engenheiro Felisberto Freire a Laranjeiras? A questão pode ser compreendida quando se observa a relevância de Laranjeiras no cenário sergipano, quando do Segundo Império. A cidade foi elevada à categoria de vila e em 1848 se tornou cidade através da Resolução n. 209<sup>12</sup>. Devido à sua localização geográfica, à margem esquerda do rio Cotinguiba, o comércio foi favorecido.

Na época em que a capitania de Sergipe adquiriu autonomia política, Laranjeiras se impunha como centro principal do comércio importador, mantendo comunicação direta com a Europa, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro através de brigues, bergantins, patachos, sumacas, “cutterz”. Rica, opulenta, com mais de 850 fogos e sua população excedendo a 3.000 habitantes<sup>13</sup>.

Quanto ao desenvolvimento cultural, entre os anos de 1830 e 1860 foram fundadas duas escolas femininas, sendo uma pública e outra particular. Também neste período foi criado o Colégio do Coração de Jesus (onde eram ministradas aulas de Gramática Latina, Francês, Filosofia, Retórica) e o internato masculino (pelo qual passavam os filhos da aristocracia rural, com o objetivo de ingressarem no curso Superior do Império). A comunicação impressa também se destacou. Entre 1841 e 1880 onze jornais laranjeirenses circulavam. Entre eles: *Monarquista Constitucional* (1841), *O Triunfo* (1844), *Pedro II* (1844), *O Telégrafo* (1848), *O Observador* (1851-1853), *O Horizonte*, *O Laranjeirense*, *O Republicano* (na década de 1880)<sup>14</sup>.

De acordo com Prado Sampaio<sup>15</sup>, ao abordar o cenário cultural de Laranjeiras:

Rival de Estancia, Laranjeiras é um centro notavel de grandes talentos. É patria de poetas como Bittencourt Sampaio, Pedro Moreira e João Ribeiro: d’alli se partiu o maior pintor sergipano, Horacio Hora, que morreu nimbado de justa reputação europeia; e é, finalmente, o berço de musicos dignos de

12 NUNES, *ibid.*, p. 222.

13 NUNES, *ibid.*, p. 221.

14 NUNES, *ibid.*, p. 222.

15 SAMPAIO, Prado. *Sergipe artistico, litterario e scientifico*: Memoria apresentada pelo Governo do Estado de Sergipe, sob a administração do Exm. Sr. Coronel Manoel Corrêa Dantas, á Exposição Ibero-Americana de Sevilha. 2.ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 63.

figurar entre os mais distintos do Brasil, taes como Manoel do Carmo, que improvisava ao seu trombone antigo as symphonias que mais tarde fixava no papel, Manoel Bahiense e o seu discipulo Francisco Avelino, João Belizário Junqueira, compositor, violinista e cantor emerito; Samuel de Oliveira e Francisco Hora, irmão de Horacio Hora e outros inspirados musicistas, pianistas os dois ultimos inscriptos e principalmente flautista o segundo.

Nesse sentido, consideramos como válida a hipótese de que a importância da cidade de Laranjeiras no cenário Sergipano tenha conduzido à escolha de Felisberto de Oliveira Freire.

**Figura 1 - Retrato do Barão de Laranjeiras**



Fonte: Acervo pessoal da família Freire, Fazenda Belém, Itaporanga d'Ajuda (SE).

Outra informação relacionada a Felisberto Freire merece ser considerada nesse contexto. Trata-se da *Carta do Barão de Laranjeiras a João Dantas Martins dos Reis*, datada de 24 de fevereiro de 1885, solicitando o apoio para a criação de uma cadeira de Francês e outra de Música na Escola Normal. Chamamos a atenção para uma possível preocupação do já então Barão com o ensino da música no principal centro de estudo da província, assim como uma eventual relação entre esta preocupação e a doação de um instrumento à matriz. A falta de maiores informações a respeito de Felisberto de Oliveira Freire não nos permite afirmar até que ponto sua relação com a música teria influenciado na doação do órgão de Laranjeiras. Ainda no que tange ao motivo da doação do órgão a Laranjei-



ras mencionamos também o fato de uma possível promessa feita ao Sagrado Coração de Jesus, por Felisberto de Oliveira Freire, que, tendo sido atendido, teria realizado a doação<sup>16</sup>. Esta justificativa, porém, não pode ser corroborada com nenhuma outra informação até o momento.

Ainda não foi possível determinar uma data exata para a chegada do instrumento na Matriz de Laranjeiras. No entanto, a informação mais satisfatória quanto a isso refere-se à primeira vez que o instrumento foi tocado na Matriz. De acordo com Oliveira<sup>17</sup>:

Aos vinte e quatro dias do mês de Março do ano de mil oitocentos e sessenta e nove, pela vez primeira tocou na Matriz do Sagrado Coração de Jesus o grande Órgão, dádiva do Tel. Cel. Felisberto de Oliveira Freire, depois, Barão de Laranjeiras em virtude do Decreto Imperial de vinte e nove de Fevereiro de Mil oitocentos e setenta e dois. O Sagrado Coração de Jesus abençoe o doador [...].

O instrumento encontra-se instalado no coro da Matriz de Laranjeiras e permanece em funcionamento. Desde sua instalação é utilizado como instrumento de acompanhamento para as celebrações litúrgicas da Matriz.



16 BISPO, Evandro de Jesus. Sobre o órgão de tubos da igreja matriz de Laranjeiras. Aracaju. 08 fev. 2013. Entrevista concedida a Thais Fernanda V. Rabelo. p. 12.

17 OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas de. *História de Laranjeiras*. 2. ed. Aracaju: Casa Ávila: Subsecretaria de Cultura da Secretaria de Educação de Sergipe, 1981. p. 115.

Figura 2 – Órgão da matriz de Laranjeiras



Quanto as principais características físicas/materiais, consiste em um instrumento de pequeno porte. A caixa é simples, não apresentando elementos decorativos. Os quinze tubos da entonação ficam expostos na parte frontal do órgão. Possui cinco registros dispostos horizontalmente sobre o espelho do teclado manual. Apresenta dois teclados sendo um manual e um de pedal. O manual apresenta a extensão de C-f<sup>'''</sup>, totalizando 54 teclas (Fig. 27). O *pédalier* (pedal) possui 25 teclas e uma extensão que vai do C-c<sup>.</sup>

Atualmente o órgão de Laranjeiras, apesar de permanecer em funcionamento, necessita de restauro. O instrumento apresenta desgaste na madeira causada por infestação de cupins, além de problemas relativos à afinação, pressão do ar, dentre outros. É utilizado no Novenário do Sagrado Coração de Jesus (celebração religiosa mais importante da cidade e que conta com a participação do instrumento desde sua instalação).

No que se refere ao órgão de tubos de Maruim, pode-se dizer que o mesmo fora doado à Igreja Nosso Senhor Dos Passos (matriz de Maruim) pelo Cônsul Otto Schramm (Figura 3), comerciante alemão então residente naquele local. Não se pode compreender essa doação sem mencionar

a imigração alemã na Província de Sergipe. De acordo com Nascimento (2006, p. 160), os primeiros imigrantes alemães chegaram nesta província no ano de 1839 e fixaram-se na região do Cotinguiba. Em Maruim, os Schramm “ganharam maior visibilidade após a criação da casa A. Schramm & Co., dedicada à exportação de açúcar e importadora de mercadorias industriais e outros manufaturados”<sup>18</sup>. O poderio econômico possibilitado pelo êxito nos negócios faria dos Schramm importantes figuras públicas no cenário maruinense (Figura 3). Segundo Nascimento:

O poderio econômico dos Schramm colocou a família no centro de tomada de decisões do poder político local, chegando um deles a ocupar a função de Cônsul da Alemanha em Sergipe. Essa inserção social era alimentada pela reputação de mecenas que obteve Otto Schramm e que deixou marcas em benfeitorias como a doação do relógio e do órgão de tubos da Igreja matriz maruinense, ambos procedentes de Hamburgo<sup>19</sup>.

O mecenas alemão seria apontado também por alguns historiadores como o criador do Gabinete de Leitura de Maruim. Segundo consta no *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros* (1869), Otto Schramm ingressou no corpo consular estrangeiro a 13 de fevereiro de 1862. Sua imagem de benfeitor permearia a sociedade maruinense até a atualidade. Segundo o memorialista Joel Aguiar “[...] os Schramm exerceram em Maruim benéfica influência e a opulência do seu viver, como também a generosidade dos seus gestos ainda hoje são conhecidos. O cônsul Otto Schramm foi para Maruim um símbolo de rara cultura e um edificante exemplo de que o trabalho tudo vence”<sup>20</sup>.

18 PASSOS Sobrinho, 2000 *apud* NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Notas para o estudo da imigração alemã em Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 35, p. 151-178, 2006. p. 160.

19 NASCIMENTO. *Ibid.* p. 162.

20 AGUIAR, Joel. *Traços da História de Maruim*. 2. ed. Aracaju: Secretaria do Estado da Cultura – Governo de Sergipe, 2004. p. 27.



**Figura 3 - Cônsul alemão Otto Schramm, segunda metade do século XIX.**



Fonte: Aguiar<sup>21</sup>

A cidade de Maruim também se destacava naquele período, principalmente sob o aspecto econômico, com maior ênfase ao crescimento do comércio na região. Foi elevada à categoria de Vila no ano de 1833, tornando-se cidade no ano de 1854. De acordo com Nunes<sup>22</sup>:

A localização geográfica tornaria Maruim um dos mais importantes núcleos urbanos da Província de Sergipe na segunda metade do século XIX. O porto situado às margens do rio Ganhamoroba, afluente do rio Sergipe, tornou-se o centro de convergência da produção açucareira da região do Cotinguiba.

Esse crescimento comercial, através do trapiche, atraiu muitos imigrantes europeus, de modo especial na segunda metade do século XIX. A imigração também contribuiu para o rápido desenvolvimento da cidade. Segundo Aguiar (2004, p. 55), a imprensa também mostrou-se pródiga em Maruim, que teve vários jornais, a exemplo de *A Justiça* (1863), *O Maroinense* (1886/1894), *O Clarim* (1888), a *Revista Literária* (1890/1892) e *O Progresso* (1895/1901). Aguiar destaca o desenvolvimento intelectual que se notava entre os maruinenses. A fundação do Gabinete de Leitura foi uma mostra desse fato. Fundado em 1877, o Gabinete reunia em sua essência o ideal do progresso. Dotado de investimentos literários, fora também o centro de discussão dos pensadores

21 AGUIAR. *Ibid.* p. 153.

22 Nunes. *Ibid.* p. 229.



da época de modo que “em apenas dois anos de instalação já contava com 677 obras em 1076 volumes”<sup>23</sup>.

O órgão de tubos, no entanto, não subsistiu ao tempo. As pesquisas mostraram que o instrumento encontrava-se no coro até 1995, aproximadamente. Tratava-se, pois, de um instrumento alemão. Apesar da inexistência do instrumento, uma fotografia do antigo órgão ainda no coro da igreja nos permite conceber uma ideia do instrumento, sobretudo quanto a sua envergadura, como se observa a seguir:

**Figura 4 - Antigo órgão de tubos no Coro da Matriz de Maruim**



Fonte: Cruz e Silva<sup>24</sup>.

Tratava-se, conforme se observa, de um instrumento de médio porte, instalado no coro da igreja, de frente para o altar. Segundo alguns depoimentos de pessoas da própria paróquia (que optaram por não serem identificadas) o instrumento era utilizado para acompanhar as cerimônias religiosas e possuía características semelhantes ao órgão de Aracaju.

O órgão de Aracaju foi doação do Barão de Aracaju, o fazendeiro José Inácio Accioli do Prado. A informação encontra-se na placa anexa à parte frontal do órgão: “Anno 1881. Donativo do Barão de Aracajú à Igreja Matriz de Aracajú”. A informação sobre o título de baronato de José Accioli encontra-se mencionada tanto no *Almanak Administrativo, Mercantil e In-*

23 AGUIAR. *Ibid.* p. 93.

24 CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques. *Inventário Cultural de Maruim*: Edição comemorativa aos 140 anos de emancipação política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. p. 95.

*dustrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro*<sup>25</sup> quanto no *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*. Neste último consta: “ARACAJÚ. (Barão de) José Ignacio Accioli do Prado. Falleceu na Província de Sergipe, em 28 de Março de 1904, com 80 annos de idade. Era fazendeiro e criador abastado, na Província de Sergipe. CREAÇÃO DO TITULO: Barão por decreto de 28 de Agosto de 1872”<sup>26</sup>.

A doação do órgão da catedral de Aracaju, assim como se observou nas outras duas, está relacionada ao contexto histórico, ou seja, a relevância da cidade em Sergipe no Segundo Império. Aracaju foi criada intencionalmente para substituir São Cristóvão na qualidade de capital de Sergipe. Idealizada pelo então presidente provincial Inácio Joaquim Barbosa, a nova cidade não obteve grande desenvolvimento nos primeiros anos após sua fundação em 1855. No entanto, no final do regime imperial, Aracaju avançaria em seu processo de desenvolvimento, tornando-se o centro de gravitação da vida econômica e cultural de Sergipe<sup>27</sup>. Seu crescimento econômico propiciado pela acentuada atividade mercantil viria a trazer o declínio das cidades promissoras que lhe rodeavam, a exemplo de Maruim e Laranjeiras. Nunes ilustra o cenário aracajuano na seguinte descrição:

Situada à margem direita do rio Sergipe, “de elegante e pitoresca vista”, abrigava uma sociedade escravocrata, hierarquizada e desigual; uma cidade onde famílias de senhores de engenho, magistrados, engenheiros, médicos, farmacêuticos, industriais, comerciantes, negociantes, eclesiásticos, professores, escrivães, solicitadores dividiam as mesmas ruas que tinham nomes das localidades do interior, com pessoas de camadas inferiores, negros escravos e libertos<sup>28</sup>.

Tratava-se, portanto, do mais novo centro urbano de Sergipe que começara a crescer de fato a partir da década de 1870. Além do comércio, também os aspectos culturais e educacionais mostravam-se prósperos na jovem capital, o que se pode perceber através da criação de importantes centros educacionais como o Atheneu Sergipense no ano de 1870 - dedicado aos meninos que almejavam chegar às Academias do Império, e da Escola Normal - para as moças que aspiravam ser professoras; a instalação dos teatros Sociedade União e Teatro Particular São Salvador e o Gabinete Literário Sergipano em 1866<sup>29</sup>. Deste modo, ao contrário de São Cristóvão que decaía em nível de desenvolvimento econômico e social, a

25 ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CÔRTE E DA CAPITAL DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1873. p. 56.

26 ARCHIVO NOBILIARCHICO BRASILEIRO. Suíssa: La concorde, 1917. p. 50.

27 Nunes. *Ibid.* p. 236.

28 Nunes. *Ibid.* p. 238.

29 Nunes. *Ibid.* p. 238.

nova capital não só viria a crescer acentuadamente com sua localização geográfica favorável, mas viria também a influenciar sobre o declínio dos antigos núcleos promissores vizinhos a ela.

O órgão de Aracaju é Alemão e assim como o fora o órgão de Maruim, também foi fabricado na cidade de Hamburgo. É um instrumento de marca Ch. H. Wolfsteller cuja fabricação data de 1881. Possui o fole, instalado na lateral do instrumento. No entanto, assim como o de Laranjeiras, posteriormente foi-lhe acrescido um sistema elétrico de bombeamento de ar.

**Figura 5 - O órgão da Catedral de Aracaju.**



Trata-se de um instrumento de médio porte. A caixa do órgão, mais refinada que a do órgão de Laranjeiras, tanto ao nível da estruturação arquitetônica como da decoração, apresenta alguns ornamentos, como a lira dourada que se encontra na parte frontal superior do mesmo e outros elementos decorativos. Possui oito registros (responsáveis pelas combinações sonoras do instrumento), dois teclados, sendo um manual simples e um pedal. Atualmente o instrumento, que nunca foi restaurado, encontra-se desativado e em situações precárias. A pesquisa em torno deste instrumento motivou-nos a dar início ao processo de restauro junto à catedral. O mesmo se encontra em andamento.

**Figura 6- Detalhe da decoração do órgão na parte frontal superior do instrumento.**



### *Considerações Finais:*

É válido ressaltar a carência de fontes (sobretudo documentais) e a dificuldade de acesso a estas no que se refere à música sob o ponto de vista histórico. Concordando com o pensamento de que a “ignorância é a mãe de todos os erros”, torna-se necessário o estudo e sua divulgação para a comunidade, de forma que, ciente de seu patrimônio, possa cobrar-lhe o devido valor.

O estudo em torno dos órgãos de tubos de Sergipe nos revela parte importante da história da música sergipana, bem como apresenta-nos o contexto histórico de Sergipe, mais especialmente da região do Vale do Cotinguiba e sua relação com o próprio objeto de estudo. O órgão de tubos de Laranjeiras, por exemplo, ressalta a forte economia açucareira da região, a importância dos Senhores de Engenho. Ao mesmo tempo, o órgão de Maruim, em concordância, evoca a força no comércio daquela cidade, a presença alemã na região e a influência desses imigrantes sobre a mesma, não apenas no aspecto econômico, mas também cultural. Por sua vez, a doação do órgão à catedral metropolitana de Aracaju está diretamente relacionada à importância daquela capital e à busca pela ratificação de poder da aristocracia local, reforçando assim o órgão de tubos como símbolo de poder.

A pesquisa nos apresenta um valoroso patrimônio que, infelizmente, tem se degradado com o tempo e a falta de cuidados necessários. Neste sentido, faz-se urgente a restauração desses instrumentos que subsistiram ao tempo, que são símbolo de uma época, que foram e que são relevantes para a sociedade sergipana. Instrumentos que se encontram praticamente emudecidos (como o instrumento de Aracaju), porém ainda assim permanecem avivando a cultura local e contando a sua história.

